



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES
Presidência do Governo

**DISCURSO DE ENCERRAMENTO DOS DEBATES
PARLAMENTARES DAS PROPOSTAS DE PLANO E
ORÇAMENTO DA REGIÃO AUTÓNOMA DOS
AÇORES PARA 2004**

Horta, 11 de Dezembro de 2003

Senhor Presidente da Assembleia Legislativa Regional
Senhoras e Senhores Deputados
Açorianos

Com a aprovação neste Parlamento do Orçamento e do Plano de Investimentos para 2004 completa-se a programação do Governo Regional para esta VII Legislatura – a segunda, de governos sob a minha responsabilidade, depois de um período de 20 anos em que o PSD esteve no governo e em maioria nesta Assembleia.

No final do próximo ano, realizar-se-ão eleições regionais. Todos – nós, governo, e partidos da oposição - analisámos a evolução da situação da nossa Região, conhecendo o impacto junto dos açorianos das nossas palavras e dos nossos actos nos resultados dessas eleições que se avizinham.

Também por isso, valeu a verdade e valeu a pena estes três dias de debate.



De um lado, a oposição, em particular a coligação minoritária PP/PSD, a fazer o que sempre tem feito – criticando tudo, anunciando crises todos os anos, desincentivando, confundindo, falando mal e destruindo. Para além disso, apenas nos trouxe um punhado de *slogans*, comprados a uma empresa de *marketing*, enfeitados por frases feitas que, como promessas ou como compromissos, podiam ser feitos por qualquer partido e em qualquer lugar.

Ouvimos esta oposição com toda a atenção e com vontade de aprender, mas, como sempre tem acontecido, raramente nos chegam uma ideia ou uma forma diferente, que nos alerte para uma prioridade ou nos indique um meio de fazer melhor.

E não se pense que o governo não gostaria de ouvir propostas novas. Nós, muito naturalmente, desejamos ser o melhor governo e ter cada vez melhores resultados. Por isso, em nada nos pesaria a humildade de, alertados - modificar, ouvindo - aprender, e, perante boas sugestões, levá-las por diante.

Mas, infelizmente, não tem sido assim, nem sequer o foi agora. Esta oposição só se opõe, e todos desperdiçamos a oportunidade de, tendo pela primeira vez um governo que a quer ouvir, nem ela o aproveita, nem nós a podemos aproveitar. O PSD, que pela sua arrogância caiu do governo, tudo indica que, pela sua actual incapacidade, permanecerá em apneia na oposição.



Estimados Amigos da Oposição

As eleições não são um concurso de habilidades, de silogismos literários, nem de combinações entre profecias eufóricas e ou funerárias. Por isso, muito francamente, não vão a lado nenhum dizendo que “o governo está em fim de ciclo”, ou que “o PSD fará tudo o que não foi feito” ou que “o PSD faria tudo o que foi feito, melhor” do que nós. Desde logo, porque a memória passada e recente dos Açorianos não é curta, porque a verdade é que nem fizeram melhor quando foram governo nos Açores, nem fazem melhor agora que governam no Continente.

Deixaram-nos a Região à míngua, quando entrei para o governo, e conduziram o País, nestes quase dois anos, depois de criticarem a política financeira do governo anterior, à recessão económica, com os indicadores de confiança dos consumidores abaixo dos mínimos da recessão dos anos 90, com o aumento do pessimismo quanto às perspectivas da economia portuguesa nos próximos 12 meses e com cerca de dez portugueses por hora lançados no desemprego.

A coligação minoritária PP/PSD tem, efectivamente, como se vê, passado e presente. Não nos queira, portanto, convencer que, a soma do seu mau passado com o seu mau presente é a sua garantia para um bom futuro.



Senhor Presidente da Assembleia Legislativa Regional
Senhoras e Senhores Deputados
Açorianos

O Orçamento e o Plano de Investimentos para os Açores no ano de 2004, reflecte, nas medidas e acções previstas, um conjunto múltiplo de objectivos:

1. Manter a tendência de diminuição do peso do agregado das despesas correntes no Orçamento da Região, que passa de 13,6% em 1996 para menos de 8% no próximo ano;
2. Continuar a salvaguardar o equilíbrio das nossas Finanças Públicas, pese embora as múltiplas despesas acumuladas de reparação dos efeitos de calamidades e a inesperada proibição, que nos foi imposta, de recorrermos aos empréstimos necessários para investimentos, em três dos quatro anos deste nosso mandato;
3. Aproveitar todas as ajudas da União Europeia e todas as possibilidades e benefícios resultantes da nossa condição reconhecida de região ultraperiférica;
4. Aumentar o investimento público direccionado para o apoio à economia, evitando as consequências mais nefastas de importação da crise do Continente – nosso principal mercado de referência – e protegendo o emprego e o rendimento das famílias, consolidando os novos sectores e



iniciando as bases de um terceiro pilar da nossa sustentabilidade;

5. Manter e reforçar as medidas na área social, que facilitem o acesso à saúde, protegendo cada vez mais os idosos, as crianças em risco, as pessoas com deficiência, as famílias sem habitação e ajudando os que ainda não se libertaram da pobreza;
6. Investindo em outros suportes do nosso desenvolvimento, quer no Ambiente, quer nas Novas Tecnologias, quer na Educação e na Formação Profissional, com os olhos postos nas oportunidades e no futuro da juventude nas nossas ilhas.

Mas, senhoras e senhores deputados, este plano de investimentos para 2004 tem, ainda, outra dimensão de concretização. Com ele

- Vamos concluir muitos compromissos e obras que havíamos assinalado na nossa última eleição;
- Vamos iniciar ou prosseguir outras que, ao contrário do que desejávamos, não estarão concluídas em Outubro de 2004, mas estarão em andamento; e,
- Vamos iniciar, prosseguir ou concluir várias obras e medidas, que não pensávamos fazer há quatro anos atrás, mas que, entretanto, assumiram



necessidade ou prioridade, e que tiveram que passar à frente de outras.

Na verdade, nem tudo o que pensávamos fazer foi feito. Dizemo-lo, honestamente. Aqui ou ali, não foi possível, nem o será até Outubro de 2004, ora por nos faltar o dinheiro para o efeito – já que nos vimos impedidos de recorrer aos empréstimos programados – ora porque o tempo e a evolução da situação social e económica nos exigiram outras prioridades.

Ao longo destes três dias de debates, tal como nos últimos meses, só ouvimos a oposição falar desses casos. Aliás, as propostas da oposição parecem resumir-se às ideias e às propostas do PS e do Governo que não poderemos concretizar neste mandato, mas que resolveremos, com certeza, com a confiança dos açorianos, no nosso próximo governo. Falta, porém, à oposição, e, de modo especial, à coligação PP/PSD, a coragem de reconhecer as milhares de medidas e de obras que fizemos, e que mudaram tanto os Açores para melhor.

Os Açores de hoje – e é essa a comparação que a todos nos interessa! – são muito melhores que os Açores que os governos do PSD nos deixaram.

Pode a oposição dizer o que diz, mas a realidade está muito distante das suas palavras:

- Perguntem aos nossos pescadores o que lhes acontecia no tempo do PSD quando não podiam ir para o mar. Pediam esmola. Foi o governo do PS que



instituiu o Fundo de Compensação Salarial, e, ainda ontem, foram aprovados mais novecentos e quarenta e sete processos de apoios;

- Perguntem aos lavradores, quando no tempo do PSD lhes deviam pagamentos de leite com um e dois anos de atraso, se isso agora lhes acontece;
- Perguntem-lhes se havia um único matadouro em condições, quando agora todos estão prontos e novos, o da Terceira vai ser inaugurado e os do Pico e Santa Maria estarão em fase adiantada de conclusão;
- Perguntem aos quase oitocentos funcionários públicos com emprego precário se não foi com o governo do PS que lhes demos segurança e tranquilidade às suas famílias, aumentando, também, de 17% para 24% o número de licenciados na função pública;

Mas não só:

- Quando chegámos ao governo não havia um programa de deslocação de especialistas de saúde às seis ilhas sem hospital, e, só para falar no ano passado, esses médicos fizeram nessas ilhas mais de 15.100 consultas. Tínhamos 350 médicos nos Açores e agora temos 455, havia 793 enfermeiros e agora há 1040;
- Quando chegámos ao governo, na segurança social, havia 28 ATLS e agora temos 87, aumentámos em



65,08% a capacidade dos Acolhimentos para os Sem Abrigo, encontrámos zero Centros de Acolhimento Temporário de Crianças e criámos 7, triplicámos o número de Centros de Actividades Ocupacionais, passámos de 44 para 114 Centros de Convívio para Idosos, de 19 para 42 creches, de zero para 2 enfermarias de retaguarda, de zero para 4 residências para deficientes, de 33 para 85 serviços de apoio domiciliário;

- Quando chegámos ao governo encontrámos a generalidade das escolas em estado degradante e pagámos às autarquias para recuperarem a sua maioria no caso do 1º ciclo, e construimos, remodelámos, ampliámos e adaptámos dezenas de outras por todas as ilhas. Em 1996, havia no 3º ciclo e secundário um professor por cada 11 alunos, agora há 1 para cada 9. Havia 21,9% das crianças com três anos no pré-escolar, agora há 40,3, 55% com quatro anos e agora há 73,3 e 91% com cinco anos e agora estão 100%. Havia 5 escolas profissionais e agora há 18. Mais de 7.000 jovens frequentam o ensino profissional, quando em 1996 havia cerca de 400;
- No sector do Ambiente, o estado ainda era pior. Nem um plano especial ou estratégico. 15 lixeiras, que vamos reduzir a 1 em 2004. Zero na promoção da exportação de resíduos, zero de número de eco-escolas, quando já vamos em 40 com 4 mil alunos. Zero em número de ecotecas, para cerca de 15 mil frequentadores, que alcançaremos em 2004. 34 áreas protegidas em 1996 para 69 em meados do próximo ano. Zero protocolos com Juntas de



Freguesia para limpeza e desobstrução de ribeiras quando o governo do PS já contratou, até ao momento, com cem Juntas de Freguesia;

- Quando chegámos ao governo, e mesmo dois ou três anos depois, o PSD ainda considerava uma extravagância governamental a aposta na sociedade de informação;
- Nos governos do PSD construíam-se 117 habitações apoiadas por ano, quando connosco a média subiu para mais do dobro. Quando o PS foi para o governo havia zero Planos Municipais de Emergência para Catástrofes e agora há 18. Em vinte anos de governo, o PSD fez 140 kms de estrada de asfalto betuminoso, e nós, em apenas oito interviremos em 450. Consumia-se, em média, 181 mil toneladas/ano de cimento, e entre 97 e 2003, 296 mil toneladas;
- Quando o PS entrou para o governo a tarifa de transporte aéreo para residente entre os Açores e Lisboa era 92 euros mais cara do que é hoje, e entre Ponta Delgada e Horta mais 47 euros. O preço da electricidade era 36% mais caro que no Continente e agora a diferença é de apenas 2%. Todo o transporte marítimo de contentores diminuiu o seu preço entre 23 e 50% e o movimento de mercadorias subiu 62%;
- Com o PSD, entre 1992 e 1997, os Açores cresceram apenas 6% em número de dormidas de turistas. Com o governo do PS, entre 1997 e 2002 crescemos 88,2%. O movimento de passageiros de transportes marítimos entre ilhas passou de 270 mil para cerca



de 460 mil pessoas, e o de passageiros nos aeroportos aumentou 41%. Os incentivos à iniciativa privada cresceram, com o meu governo, 131%;

- Quando o PSD saiu do governo havia uma taxa de desemprego de 7,9%. Com o governo do PS nos últimos 17 trimestres, o desemprego foi sempre inferior a 4% e nos últimos 12 trimestres a 3%, e esperamos que assim seja no último trimestre deste ano.
- Com o governo do PS subiu a taxa de actividade, e, embora a das mulheres ainda seja baixa, em 1996, no escalão mais jovem, era de 13,7% e agora é de 31,6. Quando o PS entrou para o governo, em termos do Rendimento Primário das Famílias estávamos em último, a 3 pontos do Alentejo e Centro e a 4 do Norte. Em 2000 estávamos já em 4º, em igualdade com o Norte e o Centro e ultrapassado o Alentejo. No chamado Rendimento Disponível das Famílias, em 1996 estávamos também em último lugar, a 6 pontos do Norte e a 8 do Alentejo. Em 2000 deixámos de ser os últimos, igualando o Norte, e, embora com maior valor absoluto, apenas a 2 pontos do Alentejo.
- Em termos de Produto Interno Bruto temos vindo sempre a crescer, e a partir de 1999 mais do que a média de crescimento do nosso país. Estamos a convergir com a média nacional.



Senhor Presidente da Assembleia Legislativa Regional
Senhoras e Senhores Deputados

Sabemos que não vivemos no melhor dos mundos.

Sei bem que muitas famílias ainda têm dificuldades, ora porque carecem de uma habitação condigna, ora porque convivem com problemas como a toxicodependência.

Também sei que o nosso caminho de progresso económico é ainda um desafio, que depende de muitos passos a dar na diversificação, na qualificação, na eficiência de gestão e na produtividade.

Sei o muito que temos feito e, como tornei claro aos Açorianos no Encerramento do Congresso do Partido Socialista, sei, ao contrário de outros, exactamente, o que queremos e devemos fazer.

Nestes debates parlamentares demos, mais uma vez, prova disso.

Os Açorianos não querem voltar atrás. Querem continuar em frente. São como nós. Vamos, então, continuar a mudar, juntos, os Açores para melhor.

O PRESIDENTE DO GOVERNO REGIONAL
CARLOS MANUEL MARTINS DO VALE CÉSAR